
Violências nos esportes: reflexões específicas objetivando uma visão global

Violence in sports: specific reflections aiming at a global vision

Juliana Trajano dos Santos¹, Carlos Alberto Figueiredo da Silva^{1*}, Simone da Silva Delgado²,
Roberto Ferreira dos Santos¹

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de apresentar as marcas/sinais das violências encontradas dentro de diferentes modalidades esportivas, para tecer reflexões específicas, buscando uma visão global sobre eles, a partir dos relatos de atletas e técnicos sobre as suas vivências/experiências nas respectivas funções. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa e o paradigma indiciário para analisar os registros obtidos a partir de entrevistas. Foram encontradas cinco marcas de violências: relacionamentos profissionais abusivos acompanhados de assédio sexual; estereótipos preconceituosos acerca da figura do atleta; técnicos e atitudes violentas como elemento de treinamento; a torcida como elemento gerador de violências na arquibancada e agressão física como elemento intrínseco ao esporte. Os resultados apontam para a construção de reflexões, que independentemente do gênero, atletas sofrem com as violências. Os esportes compartilham marcas de violências, mas cada um com sua particularidade devido a sua dinâmica.

Palavras-chave: Futebol; Assédio; Esteriótipos.

ABSTRACT

This study aims to present the marks/signs of violence found within different sports to weave specific reflections, seeking a global view of them based on the reports of athletes and coaches about their experiences in their respective roles. The research used a qualitative approach and the evidence paradigm to analyze the records obtained from interviews. We found five marks of violence: abusive professional relationships accompanied by sexual harassment; prejudiced stereotypes about the athlete's figure; technical and violent attitudes as a training element; the fans as an element that generates violence in the stands and physical aggression as an element intrinsic to the sport. The results point to the construction of reflections that regardless of gender, athletes suffer from violence. Sports share marks of violence, but each has its particularity due to its dynamics.

Keywords: Soccer; Harassment; Stereotypes.

¹ Universidade Salgado de Oliveira

*E-mail: carlos.silva@nt.universo.edu.br

² Colégio Pedro II

INTRODUÇÃO

O Brasil vem colecionando números crescentes de casos envolvendo a violência, em uma dimensão global, afetando desde bebês até idosos³. A violência se tornou um dos maiores problemas da sociedade, afetando drasticamente as questões que envolvem a economia, a saúde e a qualidade de vida, relacionadas a poucas ações políticas nas quais a pauta seja a segurança pública (REICHENHEIM et al., 2011).

No nosso caso, mas também em outros, a violência pode ser entendida como algo imposto ou mesmo a opressão sobre alguma pessoa (JORAND et al., 2019). Geralmente esse fato tem relação com o poder exercido entre as partes envolvidas no ato. O conceito de violência é tido como transitório e passa a ser considerado importante para a compreensão do fenômeno, que necessita ser estudado de maneira multidisciplinar, mas acima de tudo como construído historicamente nas relações sociais (MINAYO; SOUZA, 1998; SOUZA, 2005; SANTOS; MACHADO, 2014).

Em busca realizada para o presente estudo, utilizando os descritores ‘violência’, ‘esporte’ e ‘atletas’, em plataformas de busca acadêmica (Google Acadêmico, Scielo e Lilacs) e um período de 2010 - 2020, não foram encontrados estudos que evidenciavam a violência sobre os atletas. Independente de quisermos realizar julgamento de valor sobre esse fato, é no mínimo curioso, numa sociedade tão desigual, complexa como a brasileira, e, ao mesmo tempo tão relacionada com esportes, que estudos desse tipo sejam escassos.

Assim, o presente estudo teve como objetivo apresentar marcas de violências encontradas dentro de diferentes modalidades esportivas, a saber: atletismo, voleibol, basquetebol, handebol, natação e futebol feminino, a partir dos relatos de atletas e técnicos sobre as suas vivências/experiências nas respectivas funções, para tecer reflexões específicas, objetivando construir uma visão global sobre a violência nesses

³ ‘Carro baleado por 83 tiros em Guadalupe/RJ, ocasionando a morte de um músico. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/07/homem-morre-apos-carro-ser-atingido-em-acao-do-exercito-na-zona-oeste-do-rio.ghtml>>. Acessado em: 07 de julho de 2020.

Massacre em escola de Suzano/SP. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml> >. Acessado em: 10 de abril de 2020. Alegando “ter sido enganado”, homem mata transexual durante programa. Disponível em <https://www.band.uol.com.br/noticias/alegando-ter-sido-enganado-homem-mata-transexual-durante-programa-16309710> > acessado em 10 de outubro de 2020.

Prato de comida e abuso: tudo o que se sabe sobre a morte de Kauane. Disponível em: < <https://noticias.r7.com/sao-paulo/prato-de-comida-e-abuso-tudo-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-de-kauane-25042019> > Acessado em: 23 de julho de 2020.

esportes. Nesse sentido, discutir, aqui, as questões de violências nos esportes, nos permite afirmar que estamos tentando, fazer “[] uma Sociologia Pública ‘vigorosa’, ancorada na visão de que as lutas da sociedade civil podem assumir formas distintas em respostas diferentes condições opressivas encontradas em cada cenário social” (BURAWOY 2005, apud DONNELLY, FRAGA, AISENSTEIN, p. 16, 2014).

VIOLÊNCIA, SOCIEDADE E ESPORTE

A violência é entendida como um fenômeno, que pode ser manifestado dentro dos contextos históricos, sociais e culturais. Partindo dessa concepção, a violência influencia de diferentes formas as relações econômicas, sociais, políticas, culturais e, dependendo do tempo e espaço, suas vítimas e autores são diferenciados assim como o processo em si (MINAYO; SOUZA, 1998).

Diversos são os fatores que influenciam nos processos, atos e comportamentos violentos, sendo os mesmos contextualizados de acordo com o lugar e o tempo, dentro da história. Essa afirmação nos leva a entender que não há, então, como falar de violência no singular. Como elemento complexo e no qual envolve diversas esferas – sociais, políticas, dentre outras que serão mais detalhadas a frente – devemos considerar o termo violências, no plural, como o mais adequado (MINAYO; SOUZA, 1998).

Dentro dessa complexidade e – podemos até arriscar em falar em dificuldade – na percepção do conceito de violência, Minayo e Souza (1998) a tratam como ações humanas, em grupos ou individuais, classes e nações, que colocam a integridade física, social, espiritual e moral em risco, e pode levar também a morte de outros seres humanos. As autoras também consideram a violência no plural pois possuem especificidades que necessitam ser estudadas.

Na dimensão da pluricausalidade as autoras discutem esse fenômeno utilizando diferentes vertentes para explicar sua causa, utilizando as bases biológicas, psicológicas ou sociais. Souza (2005) em seus estudos também afirma que a violência deve ser vista como campo interdisciplinar. A autora ainda cita o campo da saúde e a masculinidade dentro de seus estudos. Então, pode-se perceber que a violência deve ser entendida por diversas vertentes, porque ela é pluricausal e necessita de estudos interdisciplinares para sua compreensão.

Se quisermos pensar pela perspectiva histórica podemos ver que na gênese da sociedade europeia, houve lutas por poder e tensões. Durante a formação social e

territorial dos Estados europeus, ocorreram muitas vinganças, devido as constantes destituições de poder e perseguições às oposições. Em alguns momentos, surgem ideias para evitar essa violência, recorrendo a algumas práticas corporais que se assemelhavam com combates e técnicas de guerra, nos quais mais tarde se tornariam os desportos (DUNNING, 1992).

No início e durante o processo de civilização na Europa, entre os séculos XVII e XVIII, a violência fazia parte dos conflitos que ocorriam. Guerras, conquistas de terras e conseqüentemente de poder, deixavam rastros de sangue por onde passavam. Alguns monarcas foram extremamente violentos com a oposição quando chegavam ao poder, pois vingavam-se dos grupos que não corroboravam dos mesmos pensamentos e ideias (ELIAS, 1994). A solução era acabar com eles e manter o poder de maneira autocrática, sem diálogos e sem oposição.

Dessa forma a sociedade que acompanhava essa concepção era extremamente violenta e tolerava essas atitudes, considerando-as até mesmo normal. Na Inglaterra, durante a Revolução Industrial, surgem mudanças sutis em relação aos comportamentos violentos. Segundo Murad (2009) “A Revolução Francesa e o processo de industrialização na Inglaterra são [...] marcos fundamentais para a derrota do feudalismo e a ascensão do capitalismo, as regras de autocontrole e civilidade foram apropriadas e difundidas principalmente pela burguesia” (p. 104).

Na sociedade inglesa junto com o movimento da Revolução Industrial, inicia-se o processo de concepção do desporto. Elias (1992), durante os seus estudos, aponta que a criação do desporto não foi algo fácil, e pronto, como vemos nos dias de hoje. Ocorreram diversas mudanças para que este chegasse ao modelo atual. O autor aponta que o desporto acompanhou e seguiu todo o processo de civilização, parlamentarização e industrialização que aconteceu na Inglaterra.

Ainda se tratando da Revolução Industrial, houve a necessidade de a sociedade se organizar. O modelo de produção industrial, com o surgimento das máquinas exigia que houvesse a tal mudança esperada. Percebe-se então uma urgência de lazer e menos violência, para que as pessoas parassem de morrer e tivessem a excitação necessária para a manutenção do prazer (ELIAS, 1992).

Se utilizarmos os escritos de Elias (1992) é importante perceber o que o autor considera como elementos de um processo civilizacional, no qual o esporte está inserido. Podemos citar alguns elementos tais como; a formação do Estado e o seu

respectivo fortalecimento como responsável pela mediação das forças de uma sociedade; o aumento das cadeias de interdependência; democratização funcional para discutir o fato de haver uma mudança niveladora no equilíbrio de poder entre as classes sociais ou grupos; a elaboração e o refinamento das condutas e dos padrões sociais; o aumento concomitante da pressão social sobre as pessoas para exercerem autocontrole na sexualidade, na agressão, e nas emoções de um modo geral e principalmente nas relações sociais; e finalmente, em relação à personalidade do indivíduo, o aumento da importância da consciência como reguladora do comportamento, ou seja, um superego forte (SANTOS, 1996).

Esses elementos nos permitem ter uma visão mais ampla do esporte, na dimensão das manifestações de violências em nossa sociedade, possibilitando reflexões mais específicas que sejam coerentes e pertinentes com o objeto de estudo aqui definido.

METODOLOGIA

Na busca de atingirmos nosso objetivo, utilizou-se a pesquisa qualitativa que é um método comumente empregado em pesquisas nas áreas da psicologia, sociologia e antropologia. Este tipo de pesquisa busca entender um fenômeno, que acontece dentro de um contexto social, cultural e histórico, a fim de interpretá-lo, possibilitando o acesso a diferentes informações, dentro do cotidiano de um grupo a ser investigado (YIN, 2016).

Como referencial para nossas ‘conversas’/entrevistas utilizamos as categorias de violência estabelecidas por Santos e Machado (2014) que também serviram para posterior orientação e organização das ‘marcas’ nas falas dos entrevistados.

A entrevista realizada foi semiestruturada, na qual “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições pré-fixadas pelo pesquisador” (MINAYO, 1998, p. 108). Devido a pandemia do COVID 19 ela foi realizada de forma online. As entrevistas duraram cerca de 20 a 30 minutos e foram realizadas pelo aplicativo Zoom por videoconferência.

Os participantes da pesquisa foram escolhidos intencionalmente devido as suas vivências dentro das referidas modalidades esportivas: atletismo, voleibol, basquetebol, handebol, natação, futebol feminino e ginástica artística, sendo 2 participantes, pelo

menos, de cada esporte. Assim, a pesquisa foi composta por 20 técnicos e atletas – homens e mulheres, com idade, predominante entre 18 e 34 anos, pois é a faixa etária apontada por autores como as mais afetadas pelos episódios de violência na sociedade (SOUZA, 2005; REICHENHEIM et al., 2011; LICO; WESTPHAL, 2014).

Para a leitura e interpretação dos achados em campo foi utilizado o paradigma indiciário. O paradigma indiciário surge da necessidade de no passado o caçador verificar detalhes no ambiente durante a caça para obter êxitos. Mais tarde foi utilizado pelo italiano Giovanni Morelli para verificar a autenticidade de obras de arte. Morelli examinava minuciosamente os pequenos detalhes que quase sempre eram esquecidos (GINZBURG, 1989). Assim, Morelli pensava o seguinte “é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés” (GINZBURG, 1989, p. 144).

Ferreira (2008) aponta que “as marcas e indícios deixados na história [...] podem sugerir relações outras que não apenas causalidade” (p. 130). As ‘marcas’ são características que surgem a partir de minuciosas e detalhadas observações dos achados em campo. E a partir destas pautou-se o presente estudo, sendo fundamentais a utilização delas.

As ‘marcas’ são as singularidades encontradas nas minúcias das falas dos participantes, fazendo com que o pesquisador mergulhe em profundidade nos contextos social, histórico e cultural, na busca de entender o verdadeiro sentido nos detalhes dos relatos, que em uma análise superficial podem ser insignificantes, porém possuem um grande poder de análise a partir da interpretação do paradigma indiciário.

Dessa forma, as marcas encontradas na pesquisa foram nomeadas de maneira intencional a partir das informações identificadas nas entrevistas. Assim, os nomes das marcas surgem dos contextos das entrevistas com os participantes, como forma de encontrar uma terminologia de consenso sobre as violências.

AS MARCAS DE VIOLÊNCIAS E POSSÍVEIS REFLEXÕES

1) Relacionamentos profissionais abusivos acompanhados de assédio sexual

A primeira marca de violência apresentada nesse trabalho surge através do relato do participante 17. Durante o relato, em referência às violências já vividas pelo

técnico, ele fala que ele nunca teve nenhum problema de violência relacionado a ele, porém presenciou alguns treinadores realizando atos de violência, que chamaremos aqui de “relacionamentos profissionais abusivos acompanhados de assédio sexual”.

Treinadores masculinos, de induzirem algumas atletas a fazer certos tipos de coisas como utilização de doping, de substâncias proibidas e muitas das vezes até também de dar em cima das atletas, entendeu? Namorar as atletas. (Participante 17).

Na pesquisa, nos deparamos com essas situações de assédio envolvendo técnicos e atletas. Podemos atribuir esses comportamentos a certos fatores, como a questão da masculinidade e atribuição desta em relação a conquista relacionada as relações e ao desenvolvimento sexual do homem (SOUZA, 2005), ao papel da submissão feminina dentro do campo esportivo, um meio que não é tido como feminino (SOUZA, 2005, SALVINI et al., 2012) e a imposição de um poder relacionado a um status quo do que é ser a figura masculina dentro da sociedade e do cenário esportivo, devido a competitividade estar atrelada ao ideário masculino (SOUZA, 2005).

Dos sete esportes investigados, essa marca esteve presente em quatro deles. Além do atletismo, essa marca também surge na natação, basquetebol, futebol. Em quase todos os relatos as mulheres são o foco dos abusos. No basquetebol, essa marca surge no relato da participante 6 afirmou que já presenciou outras meninas serem assediadas.

Durante a investigação, surgiram, nos noticiários sobre a sociedade, casos referentes as violências cometidas por técnicos contra os atletas. A violência como bem exemplificou Jorand et al. (2019) é algo imposto. Então por estarem em uma posição diferenciada dos atletas, técnicos podem se sentir superiores a ponto de impor algo ao atleta alheio ao treinamento e passar uma linha tênue referente a cobranças nos treinos. As questões de poderes estão relacionadas com os atos violentos. Na sociedade, é comum os processos violentos serem praticados pelos homens contra as mulheres (PAIM; STREY, 2007).

Ainda sobre assédio o participante 8 é jogador de basquetebol e durante a entrevista afirmou, que um amigo seu, também jogador, lhe confidenciou ter sofrido assédio por parte do técnico. Segue o relato.

O técnico dele dava em cima dele [...] mas é complicado. Ele estava passando por essas paradas e passava quieto. Ele queria traçar o objetivo dele. Ele achava que aquele caminho que ele ia traçar seria o ideal né, mas não é. Depois até no outro ano, ele foi para outro clube. (Participante 8).

A marca aqui apontada perpassa pelas modalidades esportivas e suas particularidades. No futebol, essa marca também surge durante o relato da participante 9. A participante é técnica de um time de futebol feminino e relatou que em diversos momentos de sua carreira como atleta, ela passou por isso e observa que muitas atletas se submetem a esse constrangimento. Muitos homens, oferecem diversas coisas em troca, como por exemplo chuteiras, para conseguirem algo a mais com as atletas.

Como já mencionado, a relação de técnico e atleta, pode ser conturbada e marcada por abusos ameaças, coações, induções e por episódios de assédio sexual. Nesse momento surge a emergência de trazer essa questão que se torna pertinente e tem relação direta com esta marca aqui apresentada: a violência de gênero. A violência de gênero nasce dentro de uma sociedade que é marcada por relações desiguais entre homens e mulheres, na qual está é a que sofre com os atos violentos cometidos por homens (PAIM; STREY, 2007). A figura que gera a noção de superioridade e de manutenção dessa hierarquia social, sendo esta figura relacionada ao homem, geralmente, branco e rico, abrange um conceito mais amplo do que se entende por violência de gênero (BAMBACE et al., 2020).

A participante 1 tem 24 anos, é atleta e relatou uma vivência que prejudicou muito sua carreira, na qual a marca “relacionamentos profissionais abusivos acompanhados de assédio sexual” esteve presente e prejudicou de maneira grandiosa a sua carreira como atleta.

Ele na verdade se apaixonou por mim e isso gerou muito conturbação na minha carreira esportiva e na minha relação com ele. Ele utilizava sim de ameaça. Ele utilizava sim de coação, em alguns momentos, para que realmente... É... enfim, cedesse algo assim para ele, me relacionasse afetivamente com ele. (Participante 1).

Nesse caso podemos perceber que na relação entre técnico e atleta, foi deturpada, tornando-se por parte do técnico uma relação afetiva, o que prejudicou a atleta e seu rendimento. De acordo com o quadro das categorias de violências, surgem nesse relato duas: a coação e a ameaça. Outro fator importante mencionado pela atleta, foi a questão psicológica, trazendo à tona o quanto esse tipo de violência prejudica a vida do atleta.

Dentro das relações sociais, por diversas vezes, a mulher é oprimida. A sociedade baseada em parâmetros patriarcais, faz com que a figura da mulher seja submissa a do homem. Os padrões de construção do que é feminino incluem a

feminilidade e delicadeza. Geralmente, o homem é moldado para ser o corajoso, o valente, o viril e isso interfere nas relações que ele pertence. No caso da atleta, a figura feminina ocasionou com que o seu técnico pensasse que poderia ter poder sobre as vontades e comportamentos dela, não tendo a visão que sua carreira, além da carreira da atleta, seria abalada.

2) Estereótipos preconceituosos acerca da figura do atleta

Alguns estudos apontam que os maiores responsáveis por atos são homens e que eles também sofrem com essa violência (SOUZA, 2005; REICHENHEIM et al., 2011). Porém, quando nos deparamos com a violência de gênero, o homem faz parte do topo da hierarquia de poder quando comparado a outros grupos sociais como os membros da comunidade LGBTQI+ (BAMBACE et al., 2020).

Nesse cenário, combinando a realidade da sociedade brasileira e a experiência da participante 9, nasce a marca “estereótipos preconceituosos acerca da figura do atleta”. Em seu relato, a técnica diz que desde cedo era hostilizada e chamada por apelidos pejorativos por gosta de jogar futebol. O relato nos remete à questão da masculinização do corpo da mulher atleta e esta é tratada como um estigma, o que por diversas vezes influencia a atleta na prática de determinada modalidade.

Mulheres esportistas, às vezes têm sua sexualidade questionada. Devido ao fato de a sociedade associar o corpo da mulher atleta ao corpo masculino, sua escolha sexual surge como pautas (BAMBACE et al., 2020). Pautas essas marcadas pelo machismo e homofobia, ao colocar como inferior o corpo da mulher e sua orientação sexual. Essas práticas violentas causam o afastamento de muitas atletas do mundo do esporte. Matos e Xavier (2020) afirmam que “uma associação indevida entre a prática esportiva feminina e as preferências sexuais é o que afastaria as mulheres do esporte” (p. 5). A prática de alguns esportes como futebol e handebol são consideradas do domínio masculino (PAIM; STREY, 2007) o que dificulta o crescimento da figura feminina dentro de tais modalidades, principalmente, na questão econômica.

Essa marca também apareceu no relato da participante 15, na qual afirma que desde cedo escutou alguns tipos de xingamentos que têm referência à prática esportiva futebol e sua sexualidade.

Xingamentos eu já passei por isso. Meio que a gente ouve aquele negócio ‘ah, mulher macho’, ‘Maria-João’, essas coisas aí, né. ‘Que lugar de mulher é na cozinha’. Enfim, a gente cresce escutando isso. Embora, era difícil lidar com isso, né. (Participante 15).

No trecho do relato acima da participante 15, é interessante salientar que ela afirma que já foi xingada, porém em nossa interação, na entrevista, não ficou claro que, ela, considerava esse xingamento como violência. Nesse sentido, podemos pensar que pode existir uma naturalização de determinados atos, que confundem as pessoas, que pensam que a violência só é efetivada quando há ataques físicos.

Em relação ao futebol, nesse momento aqui discutido, podemos considerar a questão do machismo que coloca a mulher em um papel de incapacidade. A mulher é tida como incapaz pois seus valores sociais não se encaixam no espaço do futebol e de suas práticas, nos posição ocupa o ideário masculino – maiores adeptos são homens, os dirigentes dos clubes são homens e os homens são os que mais consomem futebol e alimentam um mercado econômico altíssimo (SALVINI et al., 2012).

A marca Estereótipos preconceituosos acerca da figura do atleta também apareceu no handebol, no relato do participante 7. Ele apresentou a ofensa relacionada a orientação sexual de suas atletas, como ‘masculinizada’, ‘metida a macho’. (Participante 7).

A mulher atleta sofre por diferentes motivos dentro de uma sociedade desigual. Essas violências são relacionadas as subjetividades femininas que estão moldadas dentro de um padrão socialmente aceito, como já mencionado. Assim, as violências estão relacionadas a preconceitos pelo fato de serem mulheres, ao seu corpo caso este esteja fora desse padrão considerado belo e a falta de recursos para um mínimo de dignidade (MATOS; XAVIER, 2020). Relacionado com a figura feminina, ao esporte e a violência de gênero temos a seguinte afirmação:

Outro tipo comum de violência, no contexto esportivo, é o que discrimina a mulher esportiva, com preconceitos e estereótipos. Esses preconceitos, estigmas, quando afetam direta e individualmente as atletas, oprimindo-as psicologicamente, ou transformando-se em obstáculos e impedimentos para a participação e progressão da atleta em qualquer terreno esportivo, ou seja, afetando ou violando os seus direitos, refletem um tipo especial de violência, ou seja, a violência de gênero, neste caso a mulher esportista (PAIM; STREY, 2007, s/p).

Sendo o esporte uma prática tida como masculina devido a certas características ligadas ao ideário masculino, como agressividade, as mulheres atletas são reconhecidas como atletas quando realizam atividade que demonstram graciosidade como balé ou ginásticas (SOUZA, 2005; BAMBACE et al., 2020; MATOS; XAVIER, 2020). Em contrapartida, os homens que praticam tais atividades, são considerados

menos homens, pois estes esportes não possuem as características ditas como masculinas.

Voltando ao relato do participante 7 percebemos a relação com o racismo. Da mesma forma aconteceu com as atletas negras. O participante relatou que muitas vezes sua goleira recebeu ofensas relacionadas a sua cor.

Como também já tive caso da minha goleira que ela é, agora, né, pela nomenclatura existe, que chamam preta, né, é... foi chamada de macaca, ou seja, racismo. (Participante 7).

Ultimamente, vivemos um momento no qual o racismo está cada dia mais frequente dentro das práticas desportivas. O mais recente caso, envolveu o jogador de futebol Neymar, quando foi chamado de ‘macaco’ pelo jogador Álvaro Gonzales, durante uma partida entre os times PSG e Olympique que aconteceu no dia 13 de setembro de 2020⁴.

O preconceito racial também surge no relato da participante 05. Ela afirma que já presenciou agressões relacionadas a preconceito racial. O preconceito de uma maneira geral é bem presente tanto na sociedade brasileira quanto no futebol

Essa violência contra o corpo negro sempre foi tratada como um padrão normal de comportamento na sociedade brasileira, e não seria diferente no futebol, um esporte tido como ‘paixão nacional’. Silva e Votre (2006) em seu livro falam da questão da personificação de uma derrota – geralmente, o personagem desta é um homem negro – e como a mídia contribui para tal fato.

No voleibol essa marca também aparece a partir do relato do participante 4: “é difícil até falar uma situação, porque xingamento, racismo, homofóbico, infelizmente a gente acompanha muito assim, né, principalmente, homofóbico, racista” (Participante 4).

Outro tipo de preconceito surge no relato da participante 019. A atleta relata tal atitude vinda de um técnico para sua companheira de equipe, ainda no grupo de base.

Um técnico... É, tinha uma menina que a mãe dela era faxineira e a menina era muito alta. E aí estava lá no calor do jogo, ela estava fazendo algumas besteiras, enfim. E aí no tempo técnico, ele virou pra ela e falou, alguma coisa desse tipo, não foi com essas palavras

⁴ Disponível em: < <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/com-acusacoes-de-racismo-e-homofobia-caso-gonzalez-neymar-sera-analisado-nesta-quarta.ghtml>>. Acessado em 28 de outubro de 2020.

‘realmente, você só vai servir pra trabalhar que nem sua mãe, pra limpar o teto com esse tamanho todo, de faxineira’. Isso aí foi surreal. (Participante 19).

O técnico utilizou de um preconceito social – pobreza como elemento negativo – para ofender a atleta durante uma partida. Além da pobreza, a condição da mãe da atleta também foi abordada de maneira vexatória a fim de atingir a atleta e cobrá-la de sua performance durante a partida.

Os elementos sócio-históricos que envolvem a violência e o esporte, quem detém o poder, geralmente, é o que promove a violência, contra alguém que é considerado mais fraco, em uma visão social, pois detém menos capital (BOURDIEU, 1989; PAIM; STREY, 2007; SALVINI et al., 2012; JORAND et al., 2019). Assim, levando em consideração a sociedade em que vivemos e fazendo essa releitura, as mulheres, os negros e os indivíduos pertencentes a comunidade LGBTQI+ sofrem com diversos tipos de preconceitos e conseqüentemente com essa violência. Já em uma análise mais profunda, e tendo como pano de fundo o esporte, os atletas sofrem com comportamentos violentos vindo de técnicos, torcida, outros atletas mais prestigiados e/ou dirigentes de clube.

3) Técnicos e atitudes violentas como elemento de treinamento

Essa marca surge na fala do participante 3. Cabe ressaltar que está marca está relacionada às seguintes categorias de violências: ameaça, coação, ofensa e até mesmo agressão física.

Às vezes, o técnico acha que tá dando uma bronca, tá dando uma chamada, mas eu já aqui bastantes situações de ameaça, coação... Já vi o técnico ‘ah se você não aparecer pra treinar, vou te mandar embora’ [...] E ofensas. Já vi xingamento de técnico, que eu não vou citar nome, chamar a atleta de burra. (Participante 3).

No voleibol, essa marca surge também nos relatos da participante 4 e do participante 09. Porém, como o participante 3 é técnico e os participantes 4 e 09 são atletas, temos aqui dois pontos de análises em diferentes contextos dos atores sociais: técnico e atletas. O primeiro ponto a ser notado é que, essa marca acontece de técnico para atletas, no qual há uma relação de poder no qual o técnico é o detentor do poder. Ele ameaça o atleta, que pode ser cortado de um jogo, por exemplo: “de parte de técnico pros atletas e ameaçando mesmo, que se as coisas não derem certo como ele tá esperando, o menino ia ser mandado embora ou o menino não ia conseguir um time para a próxima temporada” (Participante 4).

Ainda se tratando do participante 4, este afirma em seu relato que tais atitudes vindas dos técnicos o afetaram bastante de maneira negativa e como essas práticas violentas são normalizadas dentro dos esportes. A naturalização de certos comportamentos violentos, faz com que, por vezes, o atleta não reflita sobre essas questões, por achar normal. A violência não pode ser tida como normal dentro de nenhum campo social.

Por outro lado, em um caso diferente, temos o relato do participante 5 que descreve a questão da ginástica artística ser um esporte com elementos perigosos, com um alto índice risco de fraturas ou até mesmo morte. Dessa forma, a exigência de um técnico é bem alta. Os treinos são bem rigorosos e justifica-se isso, essa rigorosidade toda, devido ao risco que o atleta está submetido. Ele afirma que alguma vezes a cobrança rígida pode ser confundida com a violência.

Nós treinadores nós somos muito rigorosos, somos muito rigorosos. A gente trabalha com qualidade, a gente trabalha com perfeição máxima, a gente trabalha com exercício, elementos de alto risco de vida e alto grau de acidente. Se um atleta errar um duplo mortal e cair de cabeça no chão, acabou... tá paraplégico, tá morto. Então, a cobrança que a gente faz em cima dos atletas, a disciplina de respeitar a organização do trabalho, de seguir a linha de trabalho é muito grande. Então, essa linha entre o que é violência e o que é cobrança rígida é muito tênue dentro do treinamento de alto rendimento, tá? (Participante 5).

A ginástica, durante muito tempo, teve influências militares no país – Exército e Marinha, passando pela Polícia Militar – na formação e dinâmica da modalidade, tendo sua trajetória marcada pela sistematização dessas instituições. A formação e treinamentos dos militares passavam pelos exercícios ginásticos, como maneira de preparação para possíveis combates (COSTA et al., 2016). Assim, podemos, até certo ponto, relacionar o excesso de cobrança, entre outros fatores, que podem violar a integridade física ou não, dos envolvidos no esporte, ao contexto histórico da ginástica artística no Brasil.

A marca Atitudes violentas como elemento de treinamento também aparece na natação a partir do relato do participante 2. O participante, que atua como técnico, relatou que ao treinar somente uma atleta fez com que ele presenciasse muitas situações, durante outros treinos, pois eles dividem a piscina, com outras pessoas envolvidas na natação. Assim, ele afirma já ter presenciado coação, ameaça e diversos episódios de ofensa.

Essa marca nos provoca reflexões importantes que levam em consideração a relação técnico e atletas dentro dos esportes. Primeiramente, devemos entender que existem relações de poder dentro dos esportes. E quando nos deparamos com relatos nos quais a maioria dos atos violentos são cometidos pelos técnicos, entendemos que eles são os detentores de poder dentro da relação treinador/atleta.

O segundo ponto a ser debatido e entendido é a naturalização da violência dentro dos treinamentos. O limiar de repugnância Elias (1994) referente à violência dentro dos esportes é alto quando comparado a certas situações que acontecem na sociedade. Alguns comportamentos violentos como ofensa, coação e ameaças não são aceitos no convívio social, mas normalizados dentro do esporte, principalmente no contexto de treinamento, no qual busca-se rendimento e resultados. Dessa maneira, se faz pertinente levantar tais debates para que os técnicos entendam que suas atitudes são violentas, e que os atletas saibam identificar os processos de violência, principalmente, quando estão sofrendo essas formas de violências, e, que os fins – a vitória a qualquer preço – não justificam os meios – atos violentos como forma de treinamento. Além desse conceito importante – limiar de repugnância – outra forma de abordar essa questão é se discutirmos a dor e o sofrimento que as violências provocam. Apesar de não podermos aqui nos aprofundar nessa questão, é importante pensar que a abordagem contextualista, Sigmund Loland (2006) aponta que a dor e o sofrimento, oriundos de violências são construções de determinado fenômeno, no caso aqui os esportes, portanto não podem e não devem ser considerados somente por uma perspectiva, já que existem duas pessoas interagindo nesse contexto.

4) A torcida como elemento gerador das violências nas arquibancadas

Essa marca aparece no relato do participante 12. O participante é goleiro e durante o seu relato surge a marca que é notada facilmente durante as partidas de futebol, devido a cultura deste esporte no Brasil. Apesar de já termos inúmeros casos envolvendo torcida e violência, relatados na mídia brasileira, e mesmo por alguns autores, como é o caso de Murad (2012), não poderíamos de deixar de discuti-la neste trabalho, porém do ponto de vista de um jogador.

São situações que a gente no futebol de vez em quando se depara [...] já vi torcida querer quebrar estádio, querer se impor nessa forma com a violência. (Participante 12).

Esta marca também aparece no relato do participante 10. O participante 10 atua como técnico de basquetebol. Em relação a violência realizada pela torcida e sofrida por atletas, o técnico relata uma situação acerca de um jogo com a equipe de base.

A torcida estava vaiando, não sei o que... Ela acertou o lance livre. A torcida estava pegando no pé dela, ela acertou o lance livre e fez o sinal com o dedo na frente da boca pra torcida calar a boca. Aí foi a pior coisa que ela podia ter feito, porque a torcida ‘marcou’ ela. Foi o jogo inteiro, eles ficaram em cima dela e xingando. (Participante 10).

O participante 7, que atua como técnico de handebol, também descreve em sua entrevista um episódio de violência relacionado a torcida e a atleta de seu time. Muitas torcidas se apoderam desse discurso homofóbico e/ou racista para desestabilizar as atletas durante o jogo. A participante 14 que é atleta de handebol também apresenta tal marca durante seu relato.

Como também já tive caso da minha goleira que ela é, agora, né, pela nomenclatura existe, que chamam preta, né, é... foi chamada de macaca, ou seja, racismo. (Participante 7).
Igual, a gente tem a nossa goleira, ela é negra, negra assim, estereotipada lá no Paraná. [...] As pessoas foram pra trás do gol pra poder chamar ela de ‘macaca’, mas eram o que, não eram atletas, eram pessoas que estavam fora de quadra. (Participante 14).

Ao pensarmos que “a violência é fruto da relação entre os seres humanos” (OSBORNE et al., 2018, p. 112) podemos levar essa afirmação para dentro das relações que ocorrem no esporte torcida/jogadores, que também é uma relação humana, uma relação social em que perdura situações também de desigualdades. Se compararmos as pessoas que frequentam os estádios, grande parte é a massa da classe popular, na qual é atingida pela violência cotidiana e alguns elementos estão interligados a mesma, como moradia precária, falta de educação e noção de cidadania (MURAD, 2012).

As torcidas de time de futebol, principalmente, as brasileiras já protagonizaram diversos episódios de violência nos quais acometeram jogadores em campo, colocando ou não sua integridade física em perigo. Murad (2012) em seu livro, no capítulo 4 intitulado ‘Mortes de torcedores: nesses quesitos somos campeões’, o autor trata da realidade das torcidas brasileiras e traz alguns números de estudos. Em um desses estudos, aponta que em um período de 10 anos – 1999 a 2008 – o Brasil foi campeão em morte de torcedores. Tal fato decorre também das situações de violência macrossocial que assola o país.

Geralmente, a violência que acontece na sociedade é a mesma que é reproduzida no esporte. “Percebe-se que os acontecimentos sociais, destacando-se os violentos, influenciam na criação, recriação e reprodução das regras dentro da modalidade esportiva” (ELIAS, 1992, p. 197). Dessa, forma a torcida se torna reprodutora de violência durante sua permanência nas arquibancadas.

5) Agressão física como elemento intrínseco a dinâmica do esporte

A marca “agressão física como elemento intrínseco a dinâmica do contexto esportivo” apareceu nos relatos de alguns participantes. A questão desta marca estar relacionada a dinâmica do esporte é devido ao fato de ter sido encontrada em falas de participantes que atuam em esportes que possuem contato físico. Durante seu relato, o participante 12, que atua como goleiro de futebol, fala sobre a questão da agressão física, como sendo normal durante as partidas de futebol, devido a ser este um esporte com muito contato físico, o que acaba gerando tais atitudes.

Esportes de contato são aqueles que geralmente há interação entre as equipes que estão participando e essa participação pode ser de forma colaborativa ou defensiva contra a equipe adversária, de modo que cada equipe tente alcançar o propósito/objetivo da partida que é ganhar (GONZALEZ, 2004). Assim, nos esportes que possuem interação entre equipes é muito mais provável e perceptível de acontecer qualquer tipo de agressão física devido ao número grande de participantes e ao alto grau de interação entre os atletas.

Também encontramos a referida marca dentro do relato da participante 14, na qual ela dá ênfase e destaca o excessivo contato físico existente no handebol. A participante relatou que durante uma partida sofreu agressão física, porém a atleta que realizou tal ato fez de forma que o árbitro não visse a situação e conseqüentemente não marcasse a falta.

A partir do relato abaixo, do participante 7, técnico de handebol, pode-se perceber que dentro do esporte de contato, há diversos momentos em que a agressão entra em cena. Por causa de uma marcação mais dura, os atletas acabam por vezes agredindo uns aos outros. Porém, dentro de toda essa dinâmica exigida no handebol, ocorre também as agressões de formas intencionais, que não são culminadas em um momento de jogada de maneira acidental. As agressões inclusive podem acontecer contra membros da arbitragem.

O relato do participante 13 também aparece tal marca. Segue relato:

Então, o handebol ele é um esporte de contato, né. É um esporte violento em si. Então, se você levar ao pé da letra o que está escrito aqui, o handebol é constante violência, constante agressão física, né. Mas claro que tem os contatos que são é... vamos dizer, proibidos, né, que é o que você leva punição. O que eu aprendi com um técnico meu, ele falava ‘de frente vale tudo no handebol’. (Participante 13).

A marca de violência relacionada a Agressão física intrínseca a dinâmica do esporte surge dentro dos relatos dos participantes que possuem uma ligação direta com o handebol. O handebol por ser um esporte de contato direto e excessivo, acaba por se tornar um esporte violento. Algumas matérias descrevem o handebol como violento⁵⁶. Gama e Amoedo (2013) afirmam que alguns esportes possuem mais estresse que outros devido ao intenso contato físico e citam o handebol como exemplo. Outro fator pertinente a citar é o estresse provocado dentro das partidas. Existem também a relação direta entre as atitudes violentas e a obediência as regras em conjunto com o autocontrole emocional durante um jogo (ELIAS, 1992; GAMA; AMOEDO, 2013).

Outro ponto interessante que podemos ter em relação aos esportes coletivos e o alto grau de violências está na gênese e função para qual o esporte foi criado. De acordo com Elias (1992) a criação do esporte ocorreu para que esta atividade se assemelhasse aos combates de forma mimética. Outro ponto interessante é a dificuldade de entender o que é adversário e inimigo, dentro de uma partida entre os envolvidos no esporte, o que auxilia a entender os atos violentos que ocorrem entre atletas (MURAD, 2009).

Dentro do contexto dos esportes coletivos também podemos perceber o alto grau de competitividade. A competitividade exacerbada dentro de campo/quadra ocasiona muitos casos que envolve uma agressividade excessiva, o que pode gerar violências dentro dessa prática (SOUZA, 2005). Como é um tipo de prática que demanda da participação de equipes, muitas pessoas envolvidas, cada uma com seu nível de competitividade, suas singularidades na partida, dentre outros elementos, o esporte coletivo, acaba tendo mais contato físico, como consequência, mais faltas, e se torna mais perceptível de identificar tais violências. Nesses esportes a questão da

⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/handebol/album/2015/01/23/mundial-de-handebol-o-esporte-e-violento.htm?mode=list&foto=1> Acessado em: 20 janeiro de 2020

⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/handebol/ultimas-noticias/2015/01/25/jogar-handebol-pode-ser-violento-mas-esporte-nao-quer-mais-essa-imagem.htm> Acessado em: 20 de janeiro de 2020

instabilidade emocional, pode aparecer com mais frequência por conta das tensões entre as pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para sermos coerentes com o objetivo de nosso trabalho, podemos afirmar que as marcas de violências apresentadas neste estudo abrangeram mais de um esporte, e percebeu-se particularidades dentro de cada contexto, devido ao aspecto social, cultural e históricos das referidas modalidades. Essas particularidades necessitam ser observadas, em vários níveis, com mais cuidado para discutirmos aquilo que Elias (1992) descreveu como aumento das cadeias de interdependência e a elaboração e o refinamento das condutas e dos padrões sociais.

É especificamente preocupante constatarmos a questão do assédio sexual, pois essa forma de violência além de não ser recente – basta lembrarmos o ocorrido com a nadadora Joana Maranhão no Brasil em 2008 – ao aparecer em nossa pesquisa, aponta que não estamos sendo capazes de controlar os mecanismos de relacionamento entre técnicos e atletas. Nas palavras de Elias (1992), não estamos tendo controle das nossas cadeias de interdependência.

Da mesma forma que há determinada diferenciação entre os gêneros, os esportes também se diferem em relação as marcas violências. Dentre os esportes investigados, todos sofrem com a violência de maneira geral, diferenciando somente a dinâmica que envolve a modalidade. Por exemplo, no handebol que é um esporte coletivo é comum a presença da agressão física. Já no atletismo, um esporte de desempenho e marca e individual na maioria das provas, o assédio sexual surge dentro da modalidade.

Mesmo considerando as limitações do estudo e o momento em que foi realizado acreditamos ter contribuído para termos uma visão global e diferente sobre o esporte quando se trata das violências.

REFERÊNCIAS

AISENSTEIN, A; FRAGA, A.B.; DONNELLY, P. Por uma sociologia pública do esporte nas Américas: um chamado editorial em prol de uma educação física socialmente relevante. **Movimento**, v. 20, n.esp, p.9-20, 2014.

BAMBACE, A. P. Q. PANFILI, A. B. V.; CAMILO, J. A. O. Sobre a violência sexual no esporte olímpico envolvendo mulheres: um estudo a partir de reportagens em

diferentes sites esportivos. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**. 2020; 4: 122-136.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989

COSTA, M. G.; PERELLI, J. M.; MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J. História da ginástica no Brasil: da concepção e influência militar aos nossos dias. **Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 63-75. 2016.

DUNNING, E. Prefácio. *In*: ELIAS, N.; DUNNING, E. **Em busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992

ELIAS, N. Capítulo IV - Ensaio sobre o desporto e a violência. *In*: ELIAS, N.; DUNNING, E. **Em busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992

ELIAS, N. **O processo Civilizador**, 2 vol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994

FERREIRA, M. S. Introdução. *In*: FERREIRA, M. S. **Agite antes de usar... A Promoção de Saúde em Programas Brasileiros de Promoção de Atividade Física: o caso do Agita São Paulo**. 2008. 252 f. Tese de Doutorado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2008.

GAMA, D. R. N.; AMOEDO, P. M. Disposições para condutas agressivas no handebol: avaliando as tendências comportamentais de universitários do município de Parintins. **EFDeportes – Revista Digital**. a. 17. n. 176. Buenos Aires. 2013

GIARETTA, Davisson Gonçalves; FAGUNDEZ, Fabiana. Violência nos esportes. **Psicologia PT**. 2015

GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONZALEZ, F. J. Sistema de Classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Revista Digital - Buenos Aires** - Año 10 - N° 71 - Abril de 2004.

JORAND, M. F.; TRIANI, F. S.; MURAD, M.; SANTOS, R. F.; TELLES, S. C. C. A violência em categorias de base do futsal no Rio de Janeiro: um mergulho no universo dos pais e treinadores. **Movimento**. Porto Alegre, v. 25, Jan./Dez. 2019.

LICO, F. M. C.; WESTPHAL, M. F. Juventude, Violência e Ação Coletiva. **Saúde e Sociedade**. v. 23. n. 3. p. 764-777, 2014.

LOLAND, S. Three approaches to study of pain in sport. *In*: LOLAND S; SKIRSTAD, B; WADDINGTON, I;. **Pain and Injury in Sport**. Social and Ethical Analysis, Routledge, London, 2006.

MATOS, M. C.; XAVIER, T. B. As violências ocultas dentro do universo feminino: uma abordagem no handebol. **Intercontinental Journal on Physical Education** Rio de Janeiro 2(1):e20200008, 2020. Disponível em: <http://www.ijpe.periodikos.com.br/article/5eeb9bee0e8825373dbf3a9b/pdf/ijpe-2-1-e20200008.pdf> . Acessado em: 05 de janeiro de 2021.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinare ação coletiva. **História, ciências e saúde**. v. IV. n. 3. p. 513-531. nov. 1997 – fev. 1998.

MURAD, M. **Sociologia e Educação Física – Diálogos, linguagens do corpo, esportes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009

MURAD, M. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.

OSBORNE, R.; BELMONT, R.; BARROSO JÚNIOR, J. C.; VILARDO, G. H. R.; SANTOS JÚNIOR, G. L. S.; FREITAS, A.; MAIO, F. M. A. Superando o lado da sombra da Educação Física e do esporte: rumo ao seu potencial para o desenvolvimento da paz. *In* MURAD, M.; SANTOS, R. F.; SILVA, C. A. F. **Escolas, violências e Educação Física**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2018.

PAIM, M. C. Co.; STREY, M. N. Violência no contexto esportivo. Uma questão de gênero? **Revista Digital – Buenos Aires** - Año 12 – N. 108- Mayo, 2007.

REICHENHEIM, M. E.; SOUZA, E. R.; MORAES, C. L.; MELLO JORGE, M. H. P.; SILVA, C. M. F. P.; MINAYO, M. C. S. Violência e lesões no Brasil: efeitos, avanços alcançados e desafios futuros. **The Lancet**, p. 75-89, 2011.

SALVINI, L.; SOUZA, J.; MARCHI JUNIOR, W. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v. 26, n. 3. p. 401-10. jul./set. 2012.

SANTOS, R. F. **A violência no futebol Português: Uma interpretação sociológica a partir da concepção teórica de processo civilizacional**. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Desporto e de educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1996.

SANTOS, R. F.; MACHADO, S. Conceitos e categorias: Algumas ferramentas para pensarmos esportes. *In*: FARIA JUNIOR, A.; BENTO, J.; SANTOS, R. F.; BOSCHI, C. **Educação Física e Desporto – Relação Brasil Portugal**. Instituto Casa da Educação Física: Belo Horizonte, 2014.

SANTOS, V. L. G. Comentário sobre a proibição de torcedores visitantes nos clássicos paulistas. **Revista Juris UniToledo**, Araçatuba, SP, v. 03, n. 04, p.177-190, out./dez. 2018.

SILVA, C. A. F.; VOTRE, S. J. **Racismo no futebol**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2006.

SOUZA, E. R.. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência e saúde coletiva**, v.10. p. 59-70, 2005.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.